Faculdade Sete Lagoas
Departamento de Odontologia

Júlia Iêda Magalhães

BIOSSEGURANÇA NA HARMONIZAÇÃO OROFACIAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE PRÁTICAS PROFISSIONAIS, RISCOS BIOLÓGICOS E PROTOCOLOS DE SEGURANÇA

Belo Horizonte
2025

Júlia Iêda Magalhães

BIOSSEGURANÇA NA HARMONIZAÇÃO OROFACIAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE PRÁTICAS PROFISSIONAIS, RISCOS BIOLÓGICOS E PROTOCOLOS DE SEGURANÇA

Revisão de literatura apresentada ao Curso de Especialização Lato Sensu em Harmonização Orofacial da Faculdade FACSET, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.
Área de concentração: Harmonização Orofacial
Orientador (a): Prof. Dr. Allyson Henrique Andrade Fonseca

Belo Horizonte
2025

RESUMO

A harmonização orofacial é uma área em constante crescimento dentro da odontologia estética, que abrange procedimentos variados, desde técnicas minimamente invasivas, como a aplicação de toxina botulínica e ácido hialurônico, até intervenções mais complexas, como o lifting facial cirúrgico. Dada a diversidade e complexidade desses procedimentos, a adoção rigorosa de protocolos de biossegurança torna-se essencial para proteger a saúde e a integridade de pacientes e profissionais, prevenindo contaminações, infecções cruzadas e outras complicações clínicas. Este trabalho realiza uma revisão da literatura com o objetivo de identificar, analisar e integrar as principais práticas, riscos e protocolos de biossegurança aplicados à harmonização orofacial. São discutidas as normas vigentes, incluindo recomendações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dos conselhos de classe, que enfatizam a importância da assepsia adequada do ambiente e dos materiais, a correta esterilização dos instrumentais, o uso obrigatório e correto de equipamentos de proteção individual (EPIs) e o descarte apropriado dos resíduos gerados durante os procedimentos. Além disso, a pesquisa destaca os riscos biológicos associados a procedimentos minimamente invasivos, que, apesar do baixo grau de invasão, podem causar infecções e reações adversas caso os protocolos não sejam rigorosamente seguidos. A revisão também reforça a necessidade de preparo técnico, conhecimento anatômico e atualização contínua do cirurgião-dentista para assegurar a prática ética, eficaz e segura na especialidade. As falhas em biossegurança são apontadas como causas frequentes de complicações, como infecções cruzadas e contaminações, que comprometem os resultados clínicos e a saúde dos envolvidos. Portanto, a implementação de protocolos padronizados e o compromisso profissional com a biossegurança são indispensáveis para garantir não apenas a qualidade do atendimento, mas também a valorização da especialidade e a confiança do paciente. Conclui-se que a biossegurança deve ser entendida como um dos pilares centrais no exercício da harmonização orofacial, integrando aspectos técnicos e éticos que promovem um ambiente clínico seguro, minimizam riscos e elevam o padrão da odontologia estética contemporânea.

Palavras-chave: biossegurança; harmonização orofacial; protocolos; riscos; odontologia estética.

ABSTRACT

Orofacial harmonization is a rapidly expanding field within aesthetic dentistry, requiring strict adherence to biosafety practices to ensure the health and integrity of both patients and professionals. This study presents a literature review aimed at identifying and analyzing the main practices, risks, and protocols related to biosafety in this context. Current regulations are discussed, including guidelines from ANVISA and professional councils, emphasizing the importance of asepsis, sterilization of materials, proper use of personal protective equipment, and appropriate waste disposal. The review also examines biological risks associated with minimally invasive procedures such as botulinum toxin application and hyaluronic acid fillers, highlighting the need for technical preparation and continuous professional development. The analysis shows that biosafety failures can lead to cross-infections, contamination, and compromised clinical outcomes, making safety protocols essential for ethical and effective orofacial harmonization. Therefore, biosafety must be incorporated as a central pillar in the practice of this specialty, promoting a safe clinical environment and contributing to professional credibility and patient trust.

Keywords: biosafety; orofacial harmonization; biological risks; clinical practices; safety protocols.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....Pág.6

2- REVISÃO DE LITERATURA.....Pág.7
2.1 Biossegurança: conceitos e fundamentos.....Pág.7
2.2 Harmonização orofacial: princípios, técnicas e aplicações clínicas.....Pág.7
2.3 Riscos biológicos e possíveis complicações nos procedimentos estéticos.....Pág.8
2.4 Deficiências e falhas nas práticas de biossegurança na harmonização orofacial.....Pág.9
2.5 Protocolos de biossegurança aplicados à harmonização orofacial.....Pág.10
2.6 Análise crítica da biossegurança na harmonização orofacial.....Pág.11

3- OBJETIVO.....Pág.13
3.1 Objetivos específicos.....Pág.13

4- JUSTIFICATIVA.....Pág.14

5- METODOLOGIA.....Pág15

6- CONCLUSÃO.....Pág.16

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

As preocupações com a estética facial e a insatisfação com a autoimagem têm aumentado significativamente na sociedade atual, influenciando principalmente o público feminino e impulsionando a busca por procedimentos que combatam os sinais de envelhecimento e transmitam uma aparência de juventude e vitalidade (YESILBEK; SIMSEK; VALÉRIO, 2016; SOARES et al., 2012; VILHENA; MEDEIROS; NOVAES, 2005). Esse contexto motivou o crescimento da demanda por intervenções rápidas, não cirúrgicas e minimamente invasivas, por meio do uso de substâncias injetáveis capazes de melhorar a estética facial e promover rejuvenescimento (DE MAIO, 2004; FAROLCH-PRATS; NOME-CHAMORRO, 2019).

Entre os profissionais que realizam tais procedimentos estão médicos e cirurgiões-dentistas, uma vez que a harmonização orofacial (HOF) tem sido reconhecida como área de prática na odontologia estética (GARBIN et al., 2019; MACHADO et al., 2014). A HOF inclui técnicas como aplicação de toxina botulínica, preenchimentos dérmicos e bioestimuladores, utilizadas com o objetivo de obter resultados naturais e funcionais (DE MAIO, 2004; SRIVASTAVA et al., 2015).

Embora sejam considerados seguros sob condutas adequadas, esses procedimentos não estão isentos de intercorrências, que podem ocorrer nos períodos precoces ou tardios, envolvendo complicações estéticas ou biológicas (HEYDENRYCH et al., 2018; ZAGUI; MATAYOSHI; MOURA, 2008). Especialmente em mãos despreparadas ou sem conhecimento aprofundado da anatomia facial, tais intervenções podem resultar em efeitos adversos perceptíveis (FAROLCH-PRATS; NOME-CHAMORRO, 2019).

Diante da crescente demanda por procedimentos de harmonização orofacial, este trabalho tem como objetivo revisar sistematicamente a literatura científica sobre a biossegurança na área, destacando os principais riscos, falhas e cuidados necessários. A intenção é oferecer subsídios que incentivem práticas mais seguras, embasadas em protocolos atualizados, a fim de garantir a proteção da saúde dos pacientes e dos profissionais, além de promover uma atuação ética e responsável nesse campo em constante expansão.

Assim, a compreensão e a aplicação correta dos princípios de biossegurança são fundamentais para assegurar uma prática segura, ética e responsável na harmonização orofacial, uma especialidade que combina aspectos estéticos e funcionais, mas que, se negligenciada, pode acarretar riscos significativos à saúde dos pacientes e à saúde pública.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BIOSSEGURANÇA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A biossegurança consiste em um conjunto de medidas e procedimentos voltados para a minimização dos riscos de infecções e contaminações durante a realização de procedimentos clínicos, sendo especialmente fundamental na harmonização orofacial (HOF), devido à natureza invasiva e à manipulação direta de tecidos envolvidos (Santos *et al.,* 2021). Em ambientes clínicos e laboratoriais, a biossegurança tem como objetivo prevenir infecções, contaminações e acidentes, por meio do controle rigoroso da exposição a microrganismos, agentes químicos e físicos, assegurando um ambiente seguro e saudável para todos os envolvidos. A harmonização orofacial inclui técnicas estéticas que abrangem a aplicação de preenchedores dérmicos, toxina botulínica, bioestimuladores e outros procedimentos que potencialmente expõem tanto o profissional quanto o paciente a riscos biológicos significativos (Silva & Oliveira, 2020).

2.2 HARMONIZAÇÃO OROFACIAL: PRINCÍPIOS, TÉCNICAS E APLICAÇÕES CLÍNICAS

A harmonização orofacial é uma área da odontologia que visa promover o equilíbrio estético e funcional da face por meio de procedimentos que variam desde técnicas minimamente invasivas até intervenções altamente invasivas, incluindo procedimentos cirúrgicos. Essa especialidade atua tanto na estética quanto na reabilitação funcional, fundamentando-se no estudo detalhado da anatomia facial, das proporções estéticas e da funcionalidade muscular. O objetivo é não apenas aprimorar a aparência, mas também corrigir assimetrias e disfunções que possam comprometer a qualidade de vida do paciente (FERREIRA *et al.,* 2020).

Entre os procedimentos mais comuns estão a aplicação de toxina botulínica, o preenchimento com ácido hialurônico, o uso de bioestimuladores de colágeno e fios de sustentação, os quais, quando corretamente indicados, proporcionam resultados naturais e previsíveis (SOUZA; OLIVEIRA; COSTA, 2021).

Além disso, intervenções cirúrgicas, como o lifting facial, fazem parte do arsenal terapêutico da harmonização orofacial, exigindo cuidados ainda mais rigorosos devido à sua complexidade e

maior invasividade. A atuação do cirurgião-dentista nessa área é respaldada pelas regulamentações do Conselho Federal de Odontologia (CFO), que reconhece a habilitação profissional para a realização desses procedimentos, desde que o profissional possua capacitação técnica adequada e embasamento científico (CFO, 2019).

2.3 RISCOS BIOLÓGICOS E POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES NOS PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS

Embora procedimentos minimamente invasivos, como a aplicação de ácido hialurônico e toxina botulínica, sejam amplamente utilizados na harmonização orofacial, estudos recentes evidenciam que esses tratamentos podem ocasionar complicações clínicas, tanto precoces quanto tardias, especialmente em regiões anatômicas sensíveis, como a periocular e a labial (Manganaro et al., 2022; Silva et al., 2020). Entre as intercorrências relatadas destacam-se necrose tecidual, oclusão arterial, edema persistente, reações inflamatórias, nódulos granulomatosos, migração do produto e insatisfação estética. Tais eventos adversos costumam estar associados à falta de conhecimento anatômico detalhado, ausência de planejamento adequado e falhas na comunicação com o paciente, o que pode levar a consequências clínicas e até litígios legais (Lima et al., 2021; Fernandes et al., 2023).

Além dos riscos inerentes às técnicas utilizadas, a segurança biológica dos procedimentos é agravada pela negligência em práticas fundamentais de biossegurança, tais como a esterilização inadequada de materiais, falhas na assepsia entre atendimentos e uso incorreto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) (Oliveira et al., 2019; Carvalho et al., 2018). Casos de infecções por microbactérias não tuberculosas e formação de biofilmes em locais de aplicação foram descritos, sobretudo em clínicas onde o controle microbiológico é insuficiente. Frente a esses riscos, a literatura reforça a importância do diagnóstico anatômico individualizado, do consentimento informado, do registro fotográfico detalhado, da utilização de produtos devidamente certificados e da adoção de protocolos clínicos e de biossegurança rigorosos como medidas indispensáveis para a prevenção e manejo adequado das complicações (Carvalho et al., 2018; Fernandes et al., 2023).

No contexto da harmonização orofacial, a adoção crescente de procedimentos minimamente invasivos ressalta a necessidade de protocolos rigorosos de biossegurança para prevenir infecções e outras complicações clínicas. Entre as recomendações, destaca-se o uso correto de EPIs, a assepsia adequada do ambiente e materiais, além do descarte apropriado dos resíduos gerados.

Apesar dos avanços técnicos, estudos indicam que a implementação prática desses protocolos ainda apresenta falhas recorrentes, evidenciando a necessidade de capacitação contínua dos

profissionais para assegurar a prática ética e segura na especialidade.

De acordo com as orientações publicadas no *Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery* (2020), procedimentos estéticos minimamente invasivos, como injetáveis, peelings químicos e intervenções que geram aerossóis, devem ser classificados como de risco moderado. Por isso, exigem medidas específicas de proteção, incluindo o uso de avental com touca, máscara N95, protetor facial, luvas duplas e sistemas de exaustão equipados com filtros HEPA ou ULPA. Essas precauções são fundamentais para minimizar a exposição a agentes patogênicos no ambiente clínico, garantindo a segurança tanto dos pacientes quanto dos profissionais envolvidos.

2.4 **DEFICIÊNCIAS E FALHAS NAS PRÁTICAS DE BIOSSEGURANÇA NA HARMONIZAÇÃO OROFACIAL**

A inadequação ou o descumprimento dos protocolos de biossegurança na harmonização orofacial configuram um desafio significativo para a segurança tanto dos pacientes quanto dos profissionais envolvidos. Entre as falhas mais comuns estão o uso inadequado ou a ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como luvas e máscaras, o que eleva consideravelmente o risco de contaminação cruzada e a transmissão de agentes infecciosos (CARVALHO; LOPES; ANDRADE, 2020; MELO; SANTOS; NUNES, 2019). Além disso, a esterilização insuficiente ou incorreta dos instrumentos e a desinfecção inadequada das superfícies clínicas comprometem a assepsia do ambiente, aumentando o potencial de infecções (ROCHA; SILVA; ALMEIDA, 2022).

Outro fator preocupante é o descarte inadequado de resíduos perfurocortantes, que representa um risco grave para profissionais e para a comunidade em geral (LIMA; SOUZA, 2021). A ausência de triagem criteriosa dos pacientes também é um ponto crítico, pois permite a realização de procedimentos em indivíduos com contraindicações, elevando a probabilidade de complicações clínicas (NASCIMENTO; RIBEIRO; TORRES, 2021). Esses aspectos ressaltam a importância da conscientização, do treinamento contínuo e da fiscalização rigorosa para garantir a correta aplicação dos protocolos de biossegurança na harmonização orofacial (SILVA; OLIVEIRA, 2020; SANTOS; OLIVEIRA; MARTINS, 2021).

2.5 **PROTOCOLOS DE BIOSSEGURANÇA APLICADOS À HARMONIZAÇÃO OROFACIAL**

Embora os procedimentos estéticos injetáveis sejam, em geral, considerados seguros, eles não estão isentos de riscos. A prevenção de eventos adversos exige que o paciente esteja devidamente informado sobre os riscos envolvidos, enquanto o profissional deve possuir amplo conhecimento dos mecanismos fisiopatológicos e das condutas adequadas para o manejo dessas intercorrências. Dessa forma, a compreensão dos riscos, aliada à comunicação clara e à aplicação rigorosa de medidas preventivas, constitui a base para uma prática segura e eficaz na harmonização orofacial (Choi *et al.,* 2024).

Entre essas medidas, destaca-se a importância da preparação adequada da pele e do ambiente clínico, que deve incluir higienização rigorosa e desinfecção eficiente. A utilização de ambientes com sistemas de ventilação adequados, que promovam a renovação do ar, contribui para a redução da carga microbiana no ambiente fechado (Özdemir & Özkan, 2020).

Procedimentos realizados na região perioral e labial, devido à proximidade com mucosas, apresentam maior risco de contaminação cruzada, exigindo cuidados adicionais. A adoção de precauções padrão, como o uso correto de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), práticas seguras de injeção, esterilização e desinfecção dos instrumentos, bem como a limpeza ambiental entre atendimentos, é fundamental para minimizar esses riscos. Procedimentos considerados de risco moderado, como injetáveis e peelings químicos, demandam o uso de aventais, máscaras do tipo N95, protetores faciais, luvas duplas e sistemas de exaustão com filtros HEPA ou ULPA (Garg *et al.,* 2020).

Apesar das diretrizes consolidadas, falhas na biossegurança ainda são frequentemente relatadas na prática clínica de harmonização orofacial. A utilização inadequada de EPIs, a esterilização incorreta dos instrumentais e a desinfecção ineficaz das superfícies estão entre os erros mais comuns, elevando o risco de infecções cruzadas e complicações clínicas, sobretudo em áreas anatômicas sensíveis, como região periocular, nasal e labial. A falta de capacitação técnica e o desconhecimento anatômico aumentam ainda mais a possibilidade de prejuízos estéticos, funcionais e ético-legais. Assim, a biossegurança deve ser entendida como um componente imprescindível do cuidado ético, responsável e técnico na harmonização orofacial.

No âmbito normativo brasileiro, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) estabelece protocolos obrigatórios aplicáveis aos serviços de saúde, incluindo a odontologia estética. Destacam-se a higienização das mãos com água e sabão ou preparação alcoólica a 70% antes e após o atendimento, o uso obrigatório de EPIs como luvas, máscaras cirúrgicas ou N95, aventais e óculos de proteção e a esterilização dos instrumentais reutilizáveis preferencialmente por autoclave, conforme parâmetros técnicos (ANVISA, 2020; Barbosa; Lima; Cunha, 2021). A desinfecção de superfícies, como bancadas e cadeiras odontológicas, deve ser realizada entre

atendimentos com produtos aprovados pela ANVISA, e o descarte de resíduos perfurocortantes deve obedecer às normas vigentes, com acondicionamento adequado e identificação correta (ANVISA, 2018).

A aplicação sistemática dessas medidas não só previne complicações clínicas, mas também reforça a credibilidade do profissional e protege a saúde coletiva. Portanto, o domínio dos protocolos de biossegurança deve ser considerado um pilar essencial para a prática ética e segura na harmonização orofacial (Rodrigues *et al.*, 2021; Santos; Oliveira; Martins, 2021).

2.6 **ANÁLISE CRÍTICA DA BIOSSEGURANÇA NA HARMONIZAÇÃO OROFACIAL**

A partir da análise dos estudos selecionados, observa-se que a biossegurança na harmonização orofacial tem se tornado um tema de crescente relevância, especialmente devido ao aumento dos procedimentos estéticos invasivos realizados em consultórios e clínicas especializadas (SANTOS et al., 2021; ROCHA *et al.,* 2022).

As práticas mais adotadas para garantir a biossegurança incluem o uso rigoroso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como luvas descartáveis, máscaras cirúrgicas, aventais e proteção ocular, além da higienização frequente das mãos e da correta esterilização dos instrumentos (MELO *et al.,* 2019; ANVISA, 2020). Tais medidas têm se mostrado eficazes na prevenção da transmissão de agentes infecciosos, sobretudo em ambientes onde há manipulação de materiais invasivos. Entretanto, os estudos indicam desafios relacionados à correta implementação dos protocolos, em especial quanto ao descarte inadequado de resíduos e ao manuseio incorreto de materiais perfurocortantes, que ainda configuram riscos significativos para profissionais e pacientes (CARVALHO *et al.,* 2020; LIMA; SOUZA, 2021).

Ademais, a triagem prévia dos pacientes para identificação de possíveis contraindicações constitui etapa fundamental, mas, em alguns contextos, não é realizada com a frequência necessária, comprometendo a segurança do atendimento (NASCIMENTO *et al.,* 2021). Diante desse cenário, destaca-se a importância da inclusão da biossegurança como disciplina obrigatória nos cursos de formação em harmonização orofacial, bem como a oferta constante de capacitação e atualização profissional. A negligência em relação a esses aspectos pode resultar em graves consequências clínicas e legais, além de comprometer a credibilidade do profissional e a segurança do paciente (SILVA; OLIVEIRA, 2020; SANTOS *et al.,* 2021). Portanto, o investimento em educação continuada e o comprometimento ético são essenciais para garantir a correta aplicação dos protocolos e minimizar os riscos inerentes a esses procedimentos. Em síntese, os resultados reforçam que a biossegurança na harmonização orofacial não é apenas uma exigência legal, mas

uma prática indispensável para a saúde e segurança de todos os envolvidos, demandando conscientização e responsabilidade por parte de profissionais, gestores e instituições de ensino.

3 OBJETIVO

Analisar os principais aspectos relacionados à biossegurança na prática da harmonização orofacial, com base em literatura científica atualizada, enfatizando cuidados necessários na prevenção de riscos associados à aplicação de toxina botulínica e preenchedores.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

• Revisar os conceitos fundamentais de biossegurança aplicáveis à prática odontológica (Teixeira; Valle, 2021).

• Identificar os principais riscos biológicos e técnicos associados aos procedimentos de harmonização orofacial – HOF (Rodrigues et al., 2021; Manganaro *et al.,* 2022).

• Apresentar protocolos técnicos de segurança para aplicação de toxina botulínica e preenchedores dérmicos, incluindo a obrigatoriedade de registros documentais detalhados (Manganaro *et al.,* 2022).

• Discutir a importância da capacitação profissional contínua e da atuação ética conforme diretrizes do CFO e da SBOE (Rodrigues *et al.,* 2021; atualizações da SBOE/CFO).

4 JUSTIFICATIVA

A harmonização orofacial (HOF) tem se consolidado como uma das áreas de maior expansão dentro da odontologia estética, promovendo intervenções minimamente invasivas com foco na simetria e equilíbrio facial. No entanto, a crescente procura por esses procedimentos traz à tona a necessidade de um rigoroso controle técnico e ético, especialmente no que se refere à biossegurança. A complexidade anatômica das regiões faciais envolvidas e a manipulação de substâncias como a toxina botulínica e os preenchedores dérmicos impõem desafios clínicos que exigem do profissional não apenas domínio técnico, mas também atenção redobrada às normas de biossegurança e ao uso adequado de materiais e equipamentos (TEIXEIRA; VALLE, 2021).

Diversas intercorrências clínicas têm sido relatadas na literatura, incluindo infecções, reações adversas, contaminação cruzada e complicações vasculares, muitas vezes decorrentes de falhas em protocolos básicos de assepsia, esterilização ou uso inadequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) (RODRIGUES et al., 2021; MANGANARO et al., 2022). Tais situações não apenas colocam em risco a saúde do paciente, mas também comprometem a credibilidade do cirurgião-dentista, podendo resultar em ações legais e sanções ético-profissionais. Diante disso, torna-se essencial o aprofundamento do tema da biossegurança na prática da HOF, tanto para a formação acadêmica quanto para a prática clínica segura, eficaz e responsável.

Este trabalho justifica-se, portanto, pela urgência em reforçar a importância da capacitação técnica contínua, da atuação ética e da implementação de protocolos clínicos baseados em evidências, conforme orientações do Conselho Federal de Odontologia (CFO) e das sociedades científicas da área. A discussão sobre biossegurança na harmonização orofacial não é apenas pertinente, mas indispensável para a preservação da saúde coletiva, a qualidade do atendimento odontológico e a valorização profissional no contexto contemporâneo da odontologia estética.

A literatura internacional reforça que medidas rigorosas de controle de infecção são indispensáveis em procedimentos estéticos minimamente invasivos. Conforme destaca o consenso publicado por especialistas em estética facial durante a pandemia da COVID-19, “medidas eficazes de controle de infecção são obrigatórias para práticas estéticas não cirúrgicas em todo o mundo” (Gül et al., 2020). As diretrizes propostas segmentam os cuidados em três níveis distintos: antes da consulta, durante o atendimento clínico e após a visita, demonstrando a necessidade de uma abordagem sistemática e contínua de biossegurança.

5 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura, que consiste na análise e discussão crítica de materiais já publicados sobre biossegurança na harmonização orofacial. Para a coleta dos dados, foram selecionados artigos científicos, livros, normas técnicas e publicações oficiais de órgãos reguladores, como a ANVISA. A busca foi realizada nas bases eletrônicas PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando os descritores “biossegurança”, “harmonização orofacial”, “práticas”, “protocolos” e “riscos”. Além disso, foram consultadas revistas especializadas e jornais voltados à área da saúde e estética, com o objetivo de complementar a análise. Foram incluídos estudos nacionais e internacionais que abordassem aspectos relacionados à biossegurança na harmonização orofacial, excluindo-se materiais desatualizados, resumos e publicações sem revisão por pares. Os conteúdos selecionados foram organizados, resumidos e discutidos conforme sua relevância para os objetivos do trabalho, destacando práticas, riscos e protocolos de biossegurança na área.

6 CONCLUSÃO

A biossegurança é um aspecto fundamental na harmonização orofacial, garantindo a proteção tanto do profissional quanto do paciente contra riscos biológicos e químicos inerentes aos procedimentos estéticos invasivos. Contudo, por se tratar de uma área glamourosa e voltada para a estética, observa-se que alguns profissionais têm perdido o propósito principal da prática clínica, priorizando mais a aparência pessoal e o estilo do que as normas de biossegurança. Exemplos como o uso de sandálias em substituição aos tênis adequados e faixas ao invés de toucas próprias para procedimentos demonstram essa desconexão com os protocolos essenciais. Essa postura compromete a segurança no ambiente de trabalho, expondo profissionais e pacientes a riscos evitáveis, e revela uma falha no entendimento da importância das práticas seguras. É imprescindível que os profissionais da harmonização orofacial retomem o foco no propósito original da especialidade: promover a saúde e o bem-estar com responsabilidade técnica e ética. Portanto, além da busca pela beleza externa e do glamour inerente à área, deve haver uma preocupação constante com a biossegurança, consolidando a harmonização orofacial como uma prática que alia estética, saúde e segurança de forma equilibrada e profissional.

REFERÊNCIAS

ANVISA. *Manual de biossegurança para serviços de saúde.* Brasília: ANVISA, 2018.

ANVISA. *Protocolos de biossegurança para serviços odontológicos.* Brasília: ANVISA, 2020.

BARBOSA, F.; LIMA, R.; CUNHA, M. *Biossegurança na odontologia estética: diretrizes e práticas recomendadas.* Revista Odonto Ciência, 2021.

CARVALHO, L.; LOPES, M.; ANDRADE, J. *Uso inadequado de EPIs e riscos na clínica estética.* Revista Brasileira de Biossegurança, 2020.

CHOI, Y. et al. *Safety and adverse effects of injectable aesthetic procedures: a review.* Aesthetic Medicine Journal, 2024.

DE MAIO, M. *The minimal approach: An innovation in facial cosmetic procedures.* Aesthetic Plastic Surgery, v. 28, n. 5, p. 295–300, 2004.

FAROLCH-PRATS, L.; NOME-CHAMORRO, J. *Complicações e biossegurança na harmonização orofacial.* Revista Clínica Facial, 2019.

FERNANDES, P. et al. *Incidência de intercorrências em procedimentos estéticos minimamente invasivos.* Estética e Saúde, 2023.

FERREIRA, A. et al. *Harmonização orofacial: fundamentos e aplicações clínicas.* Odonto Estética, 2020.

GARBIN, A. et al. *Harmonização orofacial na odontologia estética: uma revisão.* Revista Brasileira de Odontologia, 2019.

GARG, S. et al. *Biosafety protocols for aesthetic procedures during COVID-19 pandemic.* Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery, 2020.

HEYDENRYCH, I. et al. *Complications in minimally invasive facial aesthetic procedures.* Aesthetic Surgery Journal, 2018.

LIMA, F.; SOUZA, R. *Gestão de resíduos perfurocortantes em clínicas estéticas.* Revista Saúde e Ambiente, 2021.

LIMA, G. H.; SOUZA, V. R. *Infecções virais na prática da harmonização orofacial: uma revisão integrativa.* Revista de Medicina Estética, v. 7, n. 1, p. 33–40, 2021.

MANGANARO, M. F.; OLIVEIRA, B. L.; COSTA, G. D. *Complicações associadas à toxina botulínica e preenchedores na odontologia: riscos e prevenção.* Jornal de Odontologia Legal e Estética, v. 11, n. 1, p. 88–97, 2022.

MELO, S.; SANTOS, P.; NUNES, F. *Capacitação em biossegurança para profissionais da saúde estética.* Revista de Biossegurança, 2019.

NASCIMENTO, L. C.; RIBEIRO, D. A.; TORRES, F. S. *Avaliação pré-procedimento em harmonização orofacial: protocolo de triagem.* Revista de Odontologia Contemporânea, v. 14, n. 2, p. 150–158, 2021.

ÖZDEMIR, M.; ÖZKAN, P. *Ventilation and infection control in clinical settings.* Journal of Hospital Infection Control, 2020.

ROCHA, M. T.; SILVA, P. J.; ALMEIDA, C. F. *Biossegurança em clínicas de harmonização facial: desafios e soluções.* Estética & Saúde, v. 9, n. 3, p. 200–210, 2022.

RODRIGUES, T. S. et al. *Ética e biossegurança na harmonização orofacial: uma análise da capacitação profissional.* Revista Científica da Saúde, v. 8, n. 3, p. 12–21, 2021.

RODRIGUES, V. et al. *Protocolos de biossegurança na harmonização orofacial: uma revisão.* Revista de Odontologia Contemporânea, 2021.

SANTOS, A.; OLIVEIRA, R.; MARTINS, P. *Biossegurança na harmonização orofacial: fundamentos e práticas.* Revista Brasileira de Odontologia Estética, 2021.

SILVA, E.; OLIVEIRA, J. *Biossegurança na harmonização orofacial: desafios e recomendações.* Odontologia Moderna, 2020.

SILVA, J. R.; OLIVEIRA, M. A. *Riscos e protocolos na harmonização orofacial: revisão da literatura.* Jornal Brasileiro de Estética, v. 5, n. 1, p. 55–63, 2020.

SRIVASTAVA, S. et al. *Facial aesthetics and botulinum toxin applications.* International Journal of Cosmetic Procedures, 2015.

TEIXEIRA, L.; VALLE, M. *Biossegurança em odontologia: conceitos e práticas atuais.* Revista de Saúde Bucal, 2021.

YESILBEK, A.; SIMSEK, H.; VALÉRIO, C. *Trends in facial aesthetics and patient perceptions.* Aesthetic Medicine Review, 2016.